

A REENUNCIÇÃO DO DISCURSO DE OUTREM EM NOTÍCIAS DA WEB

Maria Gislaíne Mirele de Lima¹
Maria Olívia Caline de Lima²

RESUMO: Este artigo objetiva, sob a perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas contemporâneas da Análise Dialógica do Discurso, analisar as marcas enunciativas e os sentidos da reenunciação do discurso de outrem em notícias da *Web*, especificamente do jornalismo de revista *online*. Para tanto, selecionamos 15 (quinze) exemplares do gênero publicados em revistas distintas, *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*. Os referidos dados serão analisados à luz dos pressupostos metodológicos da análise dialógica da linguagem (BAKHTIN, 1999[1929]) e dos estudos dos enunciados e dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003[1979]). Os resultados demonstram que o enquadramento do discurso de outrem nas notícias é projetado por recursos estilísticos composicionais vários e engendrado a diferentes sentidos dialogicamente constituídos. O estudo apresenta-se relevante, à medida que não apenas contribui para as pesquisas sobre gêneros do discurso no campo da Linguística Aplicada, como colabora para a consolidação de estudos discursivos à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Web; gênero notícia na Web; reenunciação; dialogismo; Bakhtin.

ABSTRACT: *This article aims, from the perspective of the writings of the Bakhtin Circle and the contemporary research of Dialogic Discourse Analysis, analyze enunciative marks and senses of reenunciations speech of others in news Web, specifically the online magazine journalism. To this end, we selected fifteen (15) copies of the genre published in magazines distinct, see, and IstoÉ CartaCapital. These data will be analyzed in the light of the methodological assumptions of dialogical analysis of language (Bakhtin, 1999 [1929]) and studies of utterances and speech genres (Bakhtin, 2003 [1979]). The results demonstrate that the framework of the speech of others in the news is designed by various compositional and stylistic resources engendered the different senses dialogically constituted. The study presents relevant, as they not only contributes to research on speech genres in the field of Applied Linguistics, and contributes to the consolidation of discourse studies in the light of the writings of the Bakhtin Circle.*

KEYWORDS: *Web, web news genre; reenunciação; dialogism, Bakhtin.*

Introdução

Para Bakhtin (2003[1979]), como para seus interlocutores contemporâneos, (ACOSTA-PEREIRA, 2008; ACOSTA-PEREIRA & RODRIGUES, 2009; AMORIM, 2006; BRAIT, 2006; MIOTELLO, 2006; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2005; SOBRAL, 2009), a linguagem é compreendida como prática social, isto é, em sua concretude viva materializa-se em enunciados relativamente estáveis, os quais denominamos gêneros do discurso. Os gêneros, segundo a perspectiva dialógica, não apenas regularizam e relativamente estabilizam

¹ Acadêmica do VIII nível de Letras-Espanhol – CERES/UFRN. Bolsista PROEX.

² Acadêmica do VI nível de Letras-Espanhol – CERES/UFRN. Bolsista voluntária PROEX.

nossas práticas interacionais, como as significam. Dessa forma, entendemos que os gêneros são, por assim dizer, unidades típicas de comunicação verbal.

A partir disso, objetivamos estudar o gênero *notícia*, em revistas *online*, especificamente, *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*, à luz das relações dialógicas de reenunciação do discurso de outrem que se engendram neste gênero jornalístico. Para tanto, em nosso referencial teórico, pretendemos apresentar discussões acerca dos conceitos bakhtinianos de enunciado, gêneros do discurso, dialogismo e enquadramento do discurso de outrem. O artigo está organizado em cinco seções: a introdução, apresentando os pressupostos iniciais acerca do artigo; Na segunda seção, apresentamos o referencial teórico amparado na proposta dos escritos do Círculo de Bakhtin e nos estudos atuais em Análise Dialógica do Discurso. Na terceira seção, expomos a metodologia utilizada para o artigo, a contextualização das revistas virtuais utilizadas para a geração dos dados, além de apresentar as explicações de Lévy (2007), e Marcuschi (2004) acerca do ciberespaço e da virtualização. Na quarta seção, os resultados da análise e por fim, as considerações finais. Acreditamos que a pesquisa apresenta-se relevante, à medida que não apenas colabora para as pesquisas atuais no campo dos gêneros do discurso, como, por conseguinte, contribui para os estudos dialógicos em Linguística Aplicada.

1 A concepção de enunciado e de gêneros do discurso sob o ponto de vista dos escritos do Círculo de Bakhtin

Para Bakhtin (2003[1979]), o enunciado é uma unidade real da interação verbal, pois nossos discursos se materializam na forma de enunciados, concretos, únicos e irrepetíveis. Para o autor, o enunciado é visto como um elo na cadeia de comunicação, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada referido campo. Além disso, os enunciados, como unidade real da comunicação, são constituídos a partir de três características específicas: (a) a alternância dos sujeitos discursivos (b) a conclusibilidade e (c) a expressividade.

A *alternância dos sujeitos discursivos* é o que determina os limites precisos do enunciado, nas mais diferentes situações de comunicação discursiva. Além disso, como nosso dizer é a reação-resposta a outros enunciados, essa particularidade ratifica o enunciado como elemento indispensável para delimitar os enunciados alheios, dispondo de plenitude semântica e capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do outro interlocutor.

Em relação à *conclusibilidade*, o autor aponta como segunda peculiaridade constitutiva do enunciado, vinculada à alternância dos sujeitos do discurso e à possibilidade de resposta, que, por sua vez, depende da inteireza acabada do enunciado, é determinado por três elementos vinculados ao enunciado: exauribilidade do objeto e do sentido; projeto de discurso do falante; formas típicas composicionais e gênero de acabamento. O primeiro elemento trata-se de questões relacionados a fatos da vida cotidiana, por exemplo, pedidos, respostas, ordens; (em campos da vida militar). Bakhtin (2003[1979] p.281), explica que todo objeto é inexaurível, mas ao se tornar tema do enunciado, ele ganha uma relativa conclusibilidade à luz dos objetivos traçados pelo autor.

O segundo, da intenção discursiva que cada enunciado verbaliza, isto é, o querer dizer do locutor, é possível perceber o intuito do falante já nas primeiras palavras pronunciadas, ou até mesmo ao lermos uma obra científica, captamos a idéia do falante, isso determina o acabamento do enunciado, e a escolha da forma do gênero no qual será construído o enunciado.

Outro elemento que se destaca como o mais importante, diz respeito às formas típicas composicionais do gênero, ou seja, aborda as formas estáveis do gênero, como diz o autor, a ideia do locutor se concretiza inicialmente no momento da escolha do gênero do discurso. É a partir daí, que se caracteriza a intenção discursiva do falante, de forma individual e subjetiva, adaptando-se ao gênero escolhido.

A *expressividade*, por sua vez, de acordo com Bakhtin (2003[1979]), é entendida como sendo a terceira peculiaridade constitutiva do enunciado. Para o autor, o elemento expressivo é a relação subjetiva do sujeito discursivo com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado. Nos vários campos discursivos, o elemento valorativo tem significado e força variados, mas ele existe em toda parte, pois um enunciado absolutamente neutro é impossível. O enunciado, portanto, é visto como uma unidade de comunicação verbal, que tipificado nas variadas situações de interação, relativamente se estabiliza na forma de gênero do discurso.

Sob essa perspectiva, entendemos que todos os diversos campos de atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Os gêneros do discurso se realizam através de enunciados, tanto orais como escritos (podemos acrescentar, multissemióticos) que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo, caracterizados por seu conteúdo temático, estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN 2003[1979], p. 261.).

De acordo com Bakhtin (2003[1979]), os gêneros do discurso vão se transformando, modificando-se de acordo com o espaço e o tempo em que estão situados. Tendo em vista que tais gêneros possuem elementos temáticos, estilísticos e composicionais de enunciados, que se formam sócio-historicamente a partir de situações da vida cotidiana, se estabilizando de acordo com as regularidades existentes nos gêneros e com as especificidades de cada campo discursivo ao qual pertencem. Como explica Rodrigues (2001, p. 49):

Apartir de situações da vida social, relativamente estáveis, dentro dos diferentes tipos, variedades de intercâmbio comunicativo. Cada esfera social, com sua função sócio-ideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa etc.) e suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, etc.), historicamente formula na/para a interação verbal de determinados gêneros discursivos, que lhes são específicos.

Bakhtin (2003[1979], p. 262) sobre essa perspectiva, explica que, a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades de atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica esse campo.

Nesse sentido, podemos entender que os gêneros do discurso não são criados aleatoriamente pelos falantes mas sim, surgem de acordo com as situações sócio-comunicativas em que estão situados. Fiorin (2006 p.61) reforça que “o gênero estabelece uma relação com a vida social. Para ele, a linguagem penetra na vida por meio de gêneros do discurso e, ao mesmo tempo, pelos gêneros a vida se introduz na linguagem.”

Os gêneros são constituídos pelo tema, estilo e composicionalidade que constrói o todo que constitui o enunciado. O tema não é o assunto específico de um texto, mas o domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Para Bakhtin (2003[1979], p. 281), as esferas sociais produzem enunciados com seus temas específicos, ou seja, que lhe são próprios. O tema é o que se fala no enunciado, vinculado à situação comunicativa em que foi criado. Como explica Rodrigues (2001, p.52), “Cada esfera social tem sua orientação específica para a realidade, seus objetos de discurso, sua função sócio-ideológica específica.”

O segundo elemento que constitui um gênero discursivo é a composicionalidade. Para Bakhtin (2003, p. 266), as unidades composicionais são determinados “tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva”.

Quanto ao estilo, este se define como a seleção de meios lingüísticos, (lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa. Cada estilo varia de acordo com o gênero ao qual pertence. Portanto, como afirma Bakhtin (2003 [1979], p.268), “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero. ”

Diante da discussão sobre gênero do discurso, considerados, *tipos relativamente estáveis de enunciados* (BAKHTIN, 2003[1979], p.262, grifos do autor), ou seja, são enunciados, fluídos e dinâmicos, passíveis de mudanças, que se estabilizam e se tipificam de acordo com as interações assim como se realizam e se regularizam em esferas sociais específicas da atividade humana com a qual estão ligados.

Nesta seção, vimos que entender como se constitui e se formam os gêneros é, portanto, compreender que as atividades cotidianas são realizadas em determinadas situações sociais de interação, e é através da linguagem, isto é, nas diferentes enunciações, que realizamos e moldamos nossos dizeres como interlocutores inseridos na sociedade.

Na próxima seção, discutiremos sobre o dialogismo e o enquadramento do discurso de outrem, entendendo o enquadramento do discurso do outro não apenas como um processo de reenuniação, mas, sobretudo de reacentuação.

2 As relações dialógicas e o enquadramento do discurso de outrem

Bakhtin (2008[1929]) afirma que não pode haver relações dialógicas no sistema da língua, ou seja, no que diz respeito aos fatores lexicais, gramaticais e fonológicos, estes são desprovidos de qualquer sinal de dialogismo, para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, materializar-se, ou seja, devem torna-se discurso, enunciado.

Explica Bakhtin (2008[1929], p.208), que as relações dialógicas inclusive aquelas do falante com sua própria fala, são objetos da metalingüística.³

As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em

³ Bakhtin define a metalingüística como um estudo – ainda não constituído em disciplinas, particulares definidas- daqueles aspectos da vida do discursos que ultrapassam, também de modo absolutamente legítimo, os limites do objeto da lingüística.

posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2008[1929], p.209).

Assim, para um determinado elemento tornar-se dialógico deve, como já dissemos anteriormente, materializar-se em discurso, numa situação concreta de comunicação verbal. Como explica Fiorin (2006, p. 19), todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Ainda o autor reforça:

Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2006, p. 19)

Segundo afirma Bakhtin (2003 [1979]), todos os nossos discursos são moldados por discursos outros, assim não há um discurso único, todos estão orientados por fios dialógicos que são construídos a partir do momento que o silêncio é rompido. Um enunciado acaba quando o outro começa, assim não há quebra de enunciado.

As relações dialógicas são construções de sentidos entre os enunciados que se engendram e se envolvem na constituição e no funcionamento do discurso. Sob essa perspectiva, Bakhtin (2003 [1979], p. 297) afirma: “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados, visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados que já foram proferidos em dada situação, em uma determinada esfera de comunicação.” Nesses termos,

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria idéia- seja filosófica, científica, artística- nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003 [1979], p.298)

O autor, desse modo, nos esclarece que não somos os primeiros a enunciar determinada palavra, nossos enunciados, certamente, já foram ditos em outra situação de interação, porém, não os utilizamos como repetição, apenas os reelaboramos, com nossos dizeres. Bakhtin (1999 [1929]), confirma que, do ponto de vista da construção dos sentidos, todo enunciado é perpassado por vozes de diferentes enunciadoreis, ora concordantes, ora

dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana como essencialmente dialógico. A partir deste momento, seguiremos discutindo sobre discurso de outrem, ou seja, o processo de reenunciação do discurso, considerado tema principal de nossa pesquisa.

De acordo com Bakhtin (1999 [1929], p. 144), a reenunciação, é “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação”, mas é, ao mesmo tempo, “um discurso sobre o discurso”, uma “enunciação sobre a enunciação”. Essa é a real definição de discurso de outrem. Visto como o discurso citado, ele não é apenas repetido, mas, uma reenunciação dos discursos já proferidos por sujeitos em determinadas situações de interação. Considera Bakhtin que apreendemos o discurso de outrem, a partir da premissa que:

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo, deve conter já o germe de uma resposta [...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão [...]. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. (BAKHTIN, 1999 [1929], p. 131-132).

Conforme considera Bakhtin (1999 [1929], p.146), “numa situação real de diálogo, quando respondemos a um interlocutor, é necessário que levemos em conta a recepção ativa da enunciação de outrem”. Neste caso, em uma situação social de interação ao responder os enunciados do outro, temos que considerar a sua compreensão- ativa seja ela qual for formando uma contrapalavra em relação ao locutor.

Assim, como diz Bakhtin (1993[1975], p. 86), os discursos não se contrapõem da mesma forma ao seu objeto, ou seja, é na inter-relação de discursos já ditos com o mesmo conteúdo existentes, que ocorre um processo de mútua- interação, a qual o falante interpõe-se um meio flexível, dificultando a penetração das reenunciações. É neste procedimento de mútua- interação que o discurso pode singularizar-se e através dos estilos da língua serem organizados.

Afirma ainda Bakhtin (1999 [1929], p.159), que as abreviações e elipses possíveis no discurso direto por motivos emocionais e afetivos, não são admissíveis no discurso indireto por causa de sua tendência analítica. Esses elementos só entram na sua construção sob uma forma completa e elaborada. Acerca dessa variante Bakhtin, (1999 [1929], p.159) reitera:

O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado. Por isso transposição literal, palavra por palavra, da enunciação construída segundo um outro esquema só é possível nos casos em que a enunciação direta já se apresenta na origem como uma forma algo analítica isso, naturalmente, dentro dos limites das possibilidades analíticas do discurso direto.

Para tanto, é possível perceber que nem todo discurso direto, pode ser indireto, uma vez que dependerá do conteúdo para que a transposição se realize. A análise do discurso é feita de forma construtora, as peculiaridades dos enunciados, sejam eles de cunho exclamativos, interrogativos, ou imperativos não se conservam no discurso indireto. Outro conceito constituinte do discurso de outrem que iremos discutir é a bivocalidade.

De acordo com Bakhtin (2008[1929], p. 223), “As palavras do outro, uma vez introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, isto é, tornam-se bivocais”, ou seja, todo ser constitui-se pelos olhos de outrem, encontram-se nessa logicidade, eu/o outro/ eu para o outro. O nosso discurso está cheio de palavras do outro, algumas vezes damos vazão completamente à nossa voz, outras, utilizamos para reforçar nossas palavras, e revestimos com nossas finalidades, que muitas vezes, são alheias a elas.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, a voz do outro não se introduz “pessoalmente” no discurso de outrem, apenas se reflete neste, determinando o tom e seu sentido. O discurso percebe ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto, assim, determinando sua composição (BAKHTIN, 2008[1929], p. 225). Conforme dito, a forma individual pelo qual o homem constrói seu discurso tem a ver com sua capacidade inata de perceber a voz do outro e sua reação diante dela.

De acordo com Bakhtin (2008[1929], p.232) em relação à palavra:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma só consciência a uma só voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou.

Nesse sentido, as palavras se modificam dialogicamente, sendo repassada por sujeitos diferentes, e por situações diferentes, seja em outros momentos, em outros contextos, sempre estará impregnada de elucidações e acentos de valores de outros. O falante não utiliza uma

palavra neutra, isenta de avaliação, ou desabitado de marcas de valor do outro. É partindo dessa premissa que se dá o enquadramento da voz do outro no discurso. “É como se dessa palavra inserida do outro se desprendessem círculos e se dispersassem na superfície igual do discurso , abrindo sulcos sobre ela.” (BAKHTIN, 2008[1929], p.239). A cada palavra pronunciada, reacentuada, pressupõe outros valores que estão imbricados no discurso.

Para Bakhtin (1993[1975], p.86) todo discurso existente não se contrapõe da mesma maneira ao seu objeto; o meio que os interpõe é difícil de ser já desacreditado, avaliado, envolvido em névoa escura, que já foi falado por outro. Mesmo assim, o objeto está ancorado, pois idéias gerais, por pontos de vistas, por entonações.

Diante disso Bakhtin (1993 [1975], p. 86) afirma:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação [...]. A concepção do seu objeto também é obscurecido pelas opiniões sociais e pelo discurso de outrem dirigido sobre ele.

Como já foi explanado anteriormente, qualquer discurso é dialógico, este, portanto, penetra-se por outros discursos, por pontos de vista, por apreciações e por entonações de outrem, entrelaçando-os e os fundindo com uns, isolando de outros. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. (BAKHTIN, 1993 [1975], p.88). Nessa perspectiva, o autor ainda diz:

A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com a intenção, com seu acento. [...] O discurso não é neutro e impessoal, pois, não é do dicionário que ele é tomado pelo falante! Ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem. [...](BAKHTIN, 1993, [1975] p.100).

Após breve discussão acerca dos conceitos que sustentam a pesquisa, compreendemos que todo discurso pressupõe reenunciação ou seja, nossos dizeres são reenunciados através de outros. Buscamos, nesta pesquisa, entender como se dá tais reenunciações de discursos de outrem em notícias na *web* e quais são os sentidos neles projetados. Partimos para a seção na qual se apresentam: (a) considerações acerca da apresentação da proposta do método

sociológico de Bakhtin, e (b) a contextualização das revistas que constituem os dados do universo da pesquisa.

3 Metodologia

A seguinte seção busca mostrar os princípios metodológicos que nortearam a pesquisa, o método sociológico de análise da língua (BAKHTIN, 1999[1929]) e a contextualização das revistas utilizadas.

3.1 O método sociológico de análise da língua

O presente trabalho objetiva analisar a reenunciação do discurso de outrem nas notícias da *web*, seguindo os apontamentos metodológicos de análise lingüística propostos por Bakhtin (1999[1929], p.124), que seguem as seguintes etapas:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realizam.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

Assim, almejamos investigar, a reenunciação do discurso de outrem no gênero notícia em revistas *online*, especificamente, das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*. Entendemos que metodologicamente em pesquisas de ordem dialógica não se encontram categorias pré-estabelecidas para a análise dos seus dados, razão pela qual o pesquisador deve percorrer “um caminho exaustivo de ‘idas e vindas’ acerca do *corpus*, haja vista seu caráter heterogêneo, polifônico, pluriestilístico, interdiscursivo e dialógico” (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 217). Além disso, Brait (2006) explica que a Análise Dialógica do Discurso objetiva através de uma perspectiva discursiva:

[...]esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade lingüística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente

de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2006, p. 13-14)

Vê-se, portanto, que, conforme bem explica Brait (2006), a Análise Dialógica do Discurso, campo atual de estudos à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin, objetiva analisar os campos discursivos, através de um olhar minucioso sob a materialidade linguística, reconhecendo o gênero a que pertencem os textos, procurando se inserir ativamente em cada campo.

A abordagem dialógica de Bakhtin (2003[1979]) por sua vez, objetiva compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Como afirma Brait (2006 p.13-14). Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber “enfretamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

Diante do que foi exposto, sobre o método sociológico de análise da língua para o Círculo de Bakhtin, bem como a proposta da Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2006), passaremos à seção na qual apresentamos as considerações acerca das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*. Em seguida delinaremos as informações dos dados que compõem o *corpus* da nossa análise.

3.2 Contextualização das revistas *Veja*⁴, *IstoÉ* e *CartaCapital*.

A pesquisa iniciou no momento da escolha do *corpus* a ser analisado, no nosso caso, as notícias das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*. A contextualização das revistas baseia-se nas investigações de Silva (2009) sobre o gênero *entrevista pingue-pongue* na mídia impressa. Lança mão, igualmente, de dados apresentados nos *sites* virtuais das citadas revistas. Reenunciamos esses dados para contextualizar, mesmo que de forma geral, os leitores da revista. Optamos por esse caminho, porque sabemos que ainda são poucas as pesquisas sobre o público-leitor no meio virtual, além de complexas, haja vista a dimensão ilimitada de acesso viabilizada pela internet.

⁴ As informações contidas nesta seção foi adquirida na pesquisa de Silva (2009).

A Revista *Veja*, foi lançada no dia 11 de setembro de 1968 e trazia estampada na sua primeira capa o símbolo do comunismo, a foice e o martelo com um plano de fundo vermelho, com a manchete: “O grande duelo do mundo comunista”. O seu idealizador foi Roberto Civita, filho do fundador do grupo Abril, Victor Civita. À época de seu lançamento, o nome da revista era *Veja e leia*. O veículo de notícias seguia os padrões do jornalismo americano, posto que seu fundador estudou por vários anos nos Estados Unidos.

A revista *IstoÉ* surgiu no cenário do jornalismo de revista em maio de 1976, quando o jornalista Mino Carta deixou a direção da revista *Veja* para participar da criação daquela. A escolha do nome *IstoÉ* chamou bastante a atenção do público leitor, pois é uma expressão afirmativa equivalente a “ou seja,” “em resumo”, e cujo título remete para a concepção de uma revista explicativa. Assume o posto de revista semanal, sendo, atualmente, essa revista, o “carro chefe” de um dos maiores grupos editoriais de revistas no Brasil.

Por conseguinte, a *CartaCapital* surgiu em 1994, também pelas mãos de Mino Carta. No início, era uma revista mensal de política, economia e negócios, mas, logo em seu segundo aniversário (agosto 1996) passou a circular quinzenalmente, fornecendo aos leitores informações sobre variados assuntos e em menor intervalo de tempo. Em 2011, entendendo que as revistas semanais de informação tinham seu modelo esgotado em função da evolução dos meios de informação (internet, jornais diários, programas de rádio, noticiários de televisão dos canais convencionais e por assinatura), a *CartaCapital* passou a incluir conteúdo de cultura e mudou sua periodicidade para semanal. Para tanto, a seguir, sintetizamos o perfil do leitor das revistas pesquisadas, ressaltando que as informações aqui mencionadas são de cunho da mídia impressa, haja vista não termos acesso as do meio virtual.

Perfil do leitor	CartaCapital	IstoÉ	Veja
Sexo:	Masculino - 55% e Feminino - 45%	Não informado	Masculino – 46% e Feminino – 54%
Idade	17%- com idade	Não informado	2-9: 0 % 10-14: 3% 15-19: 10% 20-24: 12% 25-34: 20% 35-44: 22% 45-49: 10% Acima de 50: 23%
Classe social	37% classe A; 53% classe B; 64% dos leitores possuem curso superior, ocupam cargos de destaque na sociedade.	Homens e mulheres, pertencentes à classe B e C. São diretores, executivos, gerentes e supervisores, cuja renda familiar é de cinco salários e o nível de	A – 23% B – 49% C – 24% D – 3% E – 0%

		instrução colegial.	
Região	Não informado	Não informado	Norte:4%, Nordeste:14%, Sudeste: 58%, Sul: 15%, Centro Oeste: 9%.
Circulação	Tiragem semanal: 35. 298 Vendas por assinaturas: 23.431 Vendas nas bancas: 11.858 Vendas no exterior: 9	Tiragem semanal: 344.679 Vendas por assinaturas: 300.989 Vendas nas bancas: 43.670 Vendas no exterior: 20	Tiragem: 1.215.874 Circulação líquida: 1.089.687 Assinaturas: 927.096 Avulsas: 162.591

Tabela 01 – Perfil do leitor das revistas pesquisadas com base em Silva (2009).

Depois da apresentação das informações ao leitor sobre as revistas, passo a expor as especificidades dos dados que constituem o *corpus* de análise.

O *corpus* da pesquisa é composto por 15 (quinze) exemplares de revistas publicados entre os dias 31 de março e 05 de maio de 2012. Selecionamos notícias com temas diferentes em cada revista, a saber, na revista *CartaCapital* as notícias que abordam o tema *política*, na revista *Veja*, as notícias que tratam do tema *economia* e, na revista *IstoÉ*, as notícias que se dedicam ao tema *saúde e bem-estar*. Os fatores norteadores da escolha das revistas *online* foram os seguintes: (a) integração ao projeto de pesquisa: *O gênero jornalístico notícia na Web: cronotopo e dialogismo*, o qual pertencemos; (b) representatividade sociojornalística com relação às demais; (c) repercussão nacional; (d) público-leitor- apresentando temas diversificados e com perfis de leitores aproximados – classes A, B, C, D, E, como já foi estabelecido em tabela acima.

Como já dito, com bases nos critérios estabelecidos para seleção do *corpus*, foram selecionadas 15 exemplares do gênero notícia, sendo 5 de cada revista, os quais são dispostos a seguir na tabela (02). Para a identificação e posterior referência ao longo deste trabalho, os textos receberam um código, o qual é composto por uma sigla, um símbolo e um número. As siglas NV, NIE, e NCC foram utilizadas para identificar os nomes das revistas (NV atribuí-se às notícias da revista *Veja*, NIE às notícias da revista *IstoÉ* e NCC, às notícias da *CartaCapital*, respectivamente), e o símbolo # foi utilizado para designar número. Depois, os textos foram numerados de 1 a 15, como no exemplo: NCC#1.

Utilizamos os seguintes exemplares:

Revista	Título da Notícia	Link	Data e horário da postagem	Categorização
<i>Carta Capital</i>	Câmara vota em abril projeto para endurecer a lei seca	http://www.cartacapital.com.br/politica/camara-vota-em-abril-projeto-para-endurecer-a-lei-seca/	31 de Março/ 2012. 17:02	(NCC#1)

<i>Carta Capital</i>	Crise e oportunidade	http://www.cartacapital.com.br/politica/crise-e-opportunidade/	01de Abril/2012 09:40	(NCC#2)
<i>Carta Capital</i>	Governador e outras autoridades 'nunca tiveram vergonha na cara'	http://www.cartacapital.com.br/politica/governador-e-outras-autoridades-nunca-tiveram-vergonha-na-cara/	31 de Março/2012 07:16	(NCC#3)
<i>Carta Capital</i>	Curado, Lula faz agradecimento e anuncia volta à política	http://www.cartacapital.com.br/sociedade/curado-lula-faz-agradecimento-publico-pelo-apoio-em-tratamento/	28 de Março/2012 16:47	(NCC#4)
<i>Carta Capital</i>	Veja, um caso sério	http://www.cartacapital.com.br/politica/veja-um-caso-serio/	05 de Maio/ 2012 11:26	(NCC#5)
<i>Veja</i>	Empresas têm prejuízo com 'Maré Vermelha' da Receita	http://veja.abril.com.br/noticia/economia/empresas-tem-prejuizo-com-mare-vermelha-da-receita	05 de Maio/2012 16:31	(NV#6)
<i>Veja</i>	Dilma, o mercado e o preço da gasolina	http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/governo/dilma-o-mercado-e-o-o-preco-da-gasolina/	01 de Abril / 2012 9:47	(NV#7)
<i>Veja</i>	Médicos desconfiam de Morales e mantêm protestos na Bolívia	http://veja.abril.com.br/noticia/economia/medicos-desconfiam-de-morales-e-mantem-protestos-na-bolivia	05 de Maio/ 2012 15:03	(NV#8)
<i>Veja</i>	Governo persegue alta de 10% em investimentos em 2012	http://veja.abril.com.br/noticia/economia/governo-persegue-alta-de-10-em-investimentos-em-2012	04 de Maio /2012 14:59	(NV#9)
<i>Veja</i>	Dólar sobe em sinal de aversão ao cenário internacional	http://veja.abril.com.br/noticia/economia/dolar-sobe-em-sinal-de-aversao-ao-cenario-internacional	04 de Maio/2012 17:14	(NV#10)
<i>Isto É</i>	Ministério diz que 6,9 milhões têm acesso a remédios contra hipertensão	http://www.istoe.com.br/reporthandlers/202180_ministerio+diz+que+6+9+milhoes+tem+acesso+a+remedios+contra+hipertensao	05 de Maio/2012 17:24	(NIE#11)
<i>IstoÉ</i>	A batalha do sono	http://www.istoe.com.br/reporthandlers/196967_a+batalha+do+sono	30 de Março/2012 21:00	(NIE#12)
<i>Isto É</i>	Estudo identifica proteína responsável pela calvície masculina	http://www.istoe.com.br/reporthandlers/195826_estudo+identifica+proteina+responsavel+pela+calvicie+masculina	01 de Abril /1012 15:27	(NIE#13)
<i>Isto É</i>	Confissões de cirurgiões	http://www.istoe.com.br/reporthandlers/199089_confissoes+de+cirurgioes	13 de Abril/2012 21:00	(NIE#14)

<i>IstoÉ</i>	Casos de demência mental podem triplicar até 2050	http://istoe.com.br/reportagens/198632_casos+de+demen+cia+mental+podem+triplicar+ate+2050	12 de Abril /2012 11:17	(NIE#15)
--------------	--	---	----------------------------	----------

TABELA 02: O universo dos dados da pesquisa.

Depois de apresentarmos o universo de análise, os critérios de seleção do *corpus* e os 15 exemplares que o compõem, passamos a explicitar acerca da seleção do gênero notícia *online*, e discutimos sobre o meio virtual.

Para melhor esclarecimento dessa questão sobre virtualização, tomamos como aporte teórico as considerações de Lévy (2007). Nesse sentido, para Lévy (2007), a virtualização pode ser considerada como o inverso à atualização. Compreende-se atualização como algo criado ou inventado por determinada forma a partir de uma confluência entre forças e finalidades, enquanto que virtualização apresenta-se como uma passagem do atual para o virtual. Em outras palavras, o autor que dizer que, virtualizar é desprender modalidades de tempo e espaço, além de esquematizar situações sócio-interativas.

De tal modo, o sujeito encontra-se submerso a contínuas reconstruções de redes de comunicação. É sob essa perspectiva, que, ao virtualizar as situações de interação, virtualiza-se a linguagem pela qual as interações são mediadas. Com isso, o sujeito ao se deparar com os diversos gêneros que circulam no ciberespaço, encara a funcionalidade dos hipertextos⁵ – “textos tecidos por meio de fios dialógicos virtuais que se entrecruzam na construção de sentido dos diversos gêneros que no ambiente digital são veiculados”. (ACOSTA PEREIRA 2010, p.2). Assim, a virtualização abre espaço para a hipertextualidade. Conforme Lévy (2007, p. 37), o hipertexto leva o sujeito a hierarquizar, selecionar, escolher, ligar, conectar-se a diferentes sentidos, textos e discursos.

Seguindo essa mesma perspectiva Marcuschi (2004), discute sobre o que seja hipertexto no meio virtual. Para Marcuschi (2004, p.171), o hipertexto pode ser entendido como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

O hipertexto vem, portanto, inaugurar novo espaço para a escrita, de acordo com os

⁵ O nome hipertexto foi cunhado por Theodor Nelson em 1964, mas não se refere apenas ao texto no ambiente virtual e sim a todos aqueles que permitem uma leitura não linear, como a atividade de leitura de verbetes em dicionários, ou de referências em enciclopédias.

gêneros virtuais . A presença de *links*⁶, no âmbito do hipertexto nos permite entender que a relação entre o meio textual que está sendo lido e outros textos aos quais aquele está se remetendo, numa grande rede de relações comunicativas de sentido constituindo assim uma vasta intertextualidade virtual. Da mesma forma, os *links* permitem que o leitor tenha acesso a espaços virtuais utilizados para que ele possa interagir com o escrevente do texto virtual, com comentários, opiniões, críticas, perguntas e sugestões, o que caracteriza o hipertexto como texto essencialmente interativo, em que o leitor também é o seu escrevente.

Diante disso, é perceptível que os gêneros da mídia virtual, nos oferecem, o contato mais acessível. Assim sendo, para efeito de demonstração, escolhemos dentre as outras notícias, utilizadas neste trabalho, a notícia da revista *Veja* (NV#9), que está posta abaixo, objetivando apenas exemplificar o *layout* das notícias na versão *online*.

veja.abril.com.br/noticia/economia/governo-persegue-alta-de-10-em-investimentos-em-2012

04/05/2012 - 14:59

COMPARTILHAR IMPRIMIR

Tweet 6 +1 0 Share Pin it

Bolsa e Câmbio
Os principais indicadores econômicos do Brasil e do Mundo

Bens de capital

Governo persegue alta de 10% em investimentos em 2012

Segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, essa marca será melhor que a do ano passado, quando houve elevação próxima a 5% do investimento

Ministro da Fazenda, Guido Mantega, durante entrevista ao Comitê de Assuntos Econômicos do Senado em Brasília

Para Mantega, empréstimos do PSI devem contribuir para a reativação da economia (Ueslei Marcelino/Reuters)

Ofertas

Peixe Urbano! Cursos com até 80% OFF. Confira!	Oferta Loja Xerox Phaser 8010 Colorida R\$759,90
Dafiti Sneakers com parrelas de R\$20,83	Centauro.com.br SÓ HOJE! Nike Air Max 2011 R\$ 449,90
Privalia Sapatos e Sapatilhas com até 70% OFF!	Passarela.com Bolsa Baú Seanite por R\$79,99
Som de Chamada vivo Tem de Pop a sertanejo. Escolha o seu	Oferta Loja Xerox Multi. WorkCentre 3045 R\$539,90

Instituto Millenium

O Instituto Millenium é uma organização sem fins lucrativos, sem vinculação político-partidária, reconhecida como OSCIP, que promove a democracia, a economia de mercado, o estado de direito e a liberdade.

Artigos

veja Manchetes Defesa de João Paulo Cunha se limita a negativas

Buscar

⁶ links podem ser entendidos como espécies de ícones que permitem o estabelecimento de conexões entre um texto e outro, uma informação e outra, dentro de um hipertexto.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse nesta sexta-feira que o governo persegue para este ano uma expansão de 10% da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) – indicador que reúne máquinas, equipamentos e materiais de construção, e que traduz o quanto os empresários investem em bens de capital – ante o registrado em 2011. Segundo ele, essa marca será mais positiva do que a apurada no ano passado, que indicou uma alta próxima a 5% sobre 2010. "Devemos estimular o investimento, que é a mola mestra do crescimento".

O ministro destacou que o governo vem adotando medidas de estímulo ao avanço da FBCF no ano. "Só o PAC vai gastar 42 bilhões de reais em investimentos em 2012", disse. De acordo com o Mantega, um programa do governo que está incentivando o setor privado a elevar o desembolso de recursos em máquinas e obras de construção civil é o Programa de Sustentação do Investimento (PSI), administrado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). "Os financiamentos do BNDES do PSI são a perder de vista", disse.

Segundo Mantega, os empréstimos viabilizados pelo PSI devem trazer efeitos de reativação da economia no curto prazo. As empresas que quiserem ter acesso a crédito para adquirir máquinas pelo FINAME – linha de crédito do BNDES para aquisição e produção de máquinas e equipamentos nacionais – pagarão juros de 5,5% ao ano, diz o ministro.

(com Agência Estado)

[bndes](#), [investimentos](#), [pac](#)

Comentários

veja Manchetes 'Homo erectus' conviveu com dois 'primos'

Artigos

» "Um paliativo que acaba nivelando por baixo", diz Fabio Medina sobre o sistema de cotas

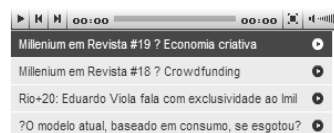
» Conheça o ILECCA

» Adilson Luiz Gonçalves: "É interessante que haja investimento privado na parte de infraestrutura"

» Brasil tem redução de trabalho infantil

» Baixa qualificação profissional prejudica competitividade da economia

Podcasts



Siga VEJA no Twitter



FIGURA01–Exemplar do gênero notícia publicado na revista *Veja* versão *online*. Acesso 04 de Maio de 2012, em: <http://veja.abril.com.br/>.

Após delimitar os passos metodológicos que nosso estudo tomou por base para examinar o objeto de pesquisa, ressaltamos que a próxima seção se destinará a apresentar a análise e seus resultados.

4 A reenunção do discurso do outro em notícias da *Web*

Como já dito, esse estudo tem como objetivo analisar a reenunção do discurso de outrem e as marcas de sentido desse enquadramento que ocorrem por meio do: (a) discurso direto e (b) discurso indireto no gênero *notícia online*. O discurso de outrem é uma das formas de dialogismo presente nos diversos usos da linguagem que fazemos nas diferentes situações de interações sociais. Na retomada de posições, na recuperação de ideias ou pontos de vista ou na simples citação, estamos nos apropriando explicitamente do discurso do outro. Para Bakhtin (1999 [1929], p. 144) discurso citado é “o discurso no discurso, a enunção na enunção”, mas é ao mesmo tempo, “um discurso sobre o discurso”, uma “enunção sobre a enunção”. Diante disso, podemos entender que todo discurso é revalorado, reacentuado, por diferentes sujeitos falantes em diferentes situações de interações sociais.

Em outras palavras, o discurso do outro enquadrado no discurso do autor é reenunciado e revalorado segundo o objeto e o projeto discursivo e os participantes dessa situação,

sufrendo determinadas mudanças e transformações de significados. “A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química [...]” (BAKHTIN, 1999 [1929], p. 141). Além disso, o autor ainda menciona que todo discurso é “alheio”, pois não existe ninguém que tenha rompido com o silêncio do universo e tenha enunciado pela primeira vez. Afirma que em todos os seus caminhos os discursos se encontram com discursos de outrem e não pode deixar de participar dessa interação dialógica.

Propomos nesta pesquisa analisar a reenunciação do discurso de outrem em notícias da *web*, que ocorrem por meio do enquadramento da voz do outro através do discurso direto e discurso indireto e que geram sentidos, tais como de: (a) validação; (b) justificação; (c) autoridade (d) avaliação e (f) responsabilidade. (ACOSTA-PEREIRA, 2008 p. 127). Tomamos por base o estudo de Acosta-Pereira (2008) acerca do gênero *notícia* em jornais impressos, pois percebemos que também estão presentes em nossos dados, a partir disso analisamos como as marcas enunciativas são enquadradas e quais são os efeitos que justificam o enquadramento do discurso de outrem projetado nas notícias.

4.1 O discurso direto

Para Bakhtin (1999, [1929] p. 144), o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. Portanto, em outras palavras, podemos entender que o discurso citado é sempre um discurso enquadrado (valorado, avaliado) pelo discurso que o cita; o que se manifesta, explícita ou implicitamente, nos enunciados, pois, a mediada que transmite o discurso de outro, também transmite sua própria fala, destacada da do autor, muitas vezes separada por aspas, por exemplo. Como acontece nas notícias abaixo. Vejamos alguns exemplos:

Ex.1: Estudo identifica proteína responsável pela calvície masculina -“*Nós investigamos couros cabeludos carecas no ano passado e vimos que os folículos pilosos ainda estavam presentes*”,__observou George Cotsarelis, professor de Dermatologia da Perelman School of Medicine at the University of Pennsylvania. (NIE#3).

Ex.2: “*A Receita aumentou muito a fiscalização em Santos, mas muitos dos agentes que vieram para cá são recém-formados ou com experiência em outras áreas, como em Imposto de Renda ou setor tributário*”, afirma. “*Com isso, a vistoria que um agente experiente gastaria duas horas para fazer se transforma em até dois dias quando se trata de alguém novo na área*”, critica. (NV#6).

Ex.3: “*É verdadeiramente essencial que a obtenção das provas para a configuração do crime de direção sob a influência de álcool ou outras drogas volte a ser obtida não só por meio do teste do bafômetro ou de sangue, mas, em caso de recusa ao teste, também por todas as demais provas lícitas admitidas no direito*”, alega Ferraço, na justificativa do projeto. (NCC#1)

Ex.4: “*A associação não é contra a fiscalização, mas o país é prejudicado com esses atrasos injustificados. Falta critério de fiscalização; não há motivos para punir a todos*”, diz Crispino. (NV#6)

Ex.5: “*O relacionamento de jornalistas da revista Veja com o bicheiro Carlinhos Cachoeira e seus asseclas nada tem de ilícito*”, assegurou Merval. (NCC#5)

Ex.6: Queria agradecer a solidariedade das lideranças políticas do Brasil inteiro, sobretudo da minha querida companheira presidenta Dilma Rousseff, que com sua experiência de ter vencido um câncer foi um alento cada vez que conversava comigo e me dizia “*força presidente o senhor vai vencer*”, diz. (NCC#4)

Como é possível perceber nas notícias acima, o autor faz uso das aspas como forma de demarcar o discurso do outro, e por outro lado, conseqüentemente, conserva sua fala no enunciado. Dessa maneira, o leitor remeterá maior atenção a voz enquadrada na notícia, pois destaca-se por pertencer a pessoas renomadas, causando assim, **efeito de autoridade**, portanto, **validando** a notícia citada. Constatamos que o discurso direto é a projeção de estilo mais recorrente no gênero *notícia* em revistas *online*, ou seja, o discurso direto possui um estilo mais marcado: tem a sua fala separada da do autor, por aspas ou por novo parágrafo, com travessão.

Verificamos, portanto, que esses enquadramentos do discurso direto geram sentidos, que se justificam pela voz de especialistas e empresários, marcados e revalorados estilisticamente nas notícias. Como nos exemplos: na notícia NIE#3, analisamos que o autor utiliza-se da voz do outro, através da citação direta, no caso, da voz do professor de Dermatologia, George Cotsarelis para **validar** seu enunciado, uma vez que, por ser um especialista na área, sua voz sustenta as informações apresentadas.

Nas notícias NV#6, (exp. 2 e 4), o discurso é enquadrado diretamente pela voz dos empresários que reclamam e criticam pela falta de fiscais formados nas importações, gerando sentido de **avaliação** e **justificação** dos fatos, visto que no momento que a voz do outro critica o trabalho dos fiscais, também faz uma avaliação e, ao mesmo tempo, justifica tal julgamento legitimando e **validando** os enunciados projetados na notícia. Isso acontece, devido ao enquadramento de vozes de outrem incorporadas no enunciado do autor com a

perspectiva de fazer com que o leitor acredite e reconheça a veracidade das informações citadas. É a partir disso que as marcas enunciativas enquadradas ressoam sentidos que legitimam a notícia, a fim de comprovar algo que foi dito, para possibilitar ao leitor uma percepção ainda maior da segurança quanto ao que está sendo afirmado. Pois, no momento que a informação é direcionada ao discurso do outro, e enunciado torna-se uma reenunciação envolta e embebida de acentos semântico-valorativos de outrem.

Os exemplos citados reafirmam as observações de Acosta-Pereira (2008, p. 127), segundo as quais, os efeitos de autoridade ou de validação são construídos a partir da reenunciação do discurso do outro, neste caso, discurso direto, apresentando uma determinada voz de credibilidade ou de legitimação das informações apresentadas na notícia.

4.1.1 O discurso indireto

De acordo com Bakhtin (1999[1929] p. 159), o discurso indireto é uma transmissão analítica do discurso de outrem. Os elementos emocionais e afetivos desse outro discurso, para além do verbo *dicendi*, tendem a não ser transpostos no discurso relatado indireto, uma vez que eles costumam não ser expressos no conteúdo do enunciado, mas na sua forma. Vejamos os exemplos:

Ex.7: *De acordo com Receita Federal, 56 servidores de outras áreas do órgão foram direcionados para trabalhar especialmente no Porto de Santos – o de maior volume de carga no país, com aproximadamente 30% do total movimentado.* (NV#6)

Ex.8: Paulo Borges, sócio da empresa, *conta que tem sido prejudicado em duas frentes: no aumento dos custos e conseqüente diminuição das margens de lucro e também no descontentamento de seus clientes com os prazos maiores de entregas.* (NV#6)

Ex 9: *Os especialistas dizem que a demência afeta pessoas em todos os países, sendo que nas regiões mais pobres as principais vítimas são as que têm mais de 50 anos.* (NCC#15)

Ex. 10: *Eles concluíram que as áreas carecas apresentavam níveis altos de uma proteína chamada Prostaglandina D2 (PGD2) - cerca de três vezes mais do que nas áreas que continham cabelo. Uma vez que a proteína foi identificada, eles fizeram novos testes para estudar o efeito que esta proteína exercia em ratos e folículos pilosos cultivados em laboratório.* (NIE#13)

O discurso indireto tem suas marcas fundidas com a fala do autor tem suas demarcações “apagadas”, geralmente identificadas pelos marcadores do discurso *segundo, de acordo, e por verbos introdutórios*. Diferentemente do discurso direto, que é a marca direta do dialogismo que aparece com mais frequência na notícia, marcado muitas vezes por aspas ou travessão.

Veja-se o exemplo, na notícia NV#6 o termo “segundo” é utilizado pelo autor para mostrar que a enunciação pertence a outrem compartilhando sua **responsabilidade** ao que foi dito na notícia como também demarcar um discurso indireto, ou seja, o autor faz apenas uma reenunciação do discurso de outrem. Haja vista que, todo discurso manifesta a incorporação do discurso alheio, podemos entender, como afirma Bakhtin (1999 [1929]), que a linguagem é por natureza dialógica, já que nela se cruzam as palavras dos outros.

Assim, todo discurso é constituído e carregado por palavras alheias, pois falamos estando o discurso sujeito a recriações e reinterpretações interiores. Isso ocorre devido ao fato de sermos sujeitos situados tanto historicamente quanto ideologicamente em contextos sociais. Dessa forma, todo discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos, ou seja, discursos de outrem, reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos, podendo aparecer de maneira mais explícita, marcados pelos recursos linguísticos presentes no discurso, como no discurso direto, ou de maneira implícita, como ocorre no discurso indireto.

Diante disso, direcionamos o leitor para a próxima seção, a qual tivemos como finalidade investigar quais são os recursos lexicais e fraseológicos específicos da língua, que engendram a construção e o enquadramento do discurso de outrem apontando a relação do discurso do autor com o discurso alheio do gênero *notícia*.

5 Projeções estilístico-composicionais

O enquadramento do discurso é materializado pelas projeções do estilo que compõe os enunciados em uma determinada situação de enunciação. Como bem explica Bakhtin (1999[1929]), no trecho abaixo, como forma de nos inteirar sobre os valores das projeções estilísticos composicionais que constituem o discurso de outrem no enunciado.

O contexto que avoluma a palavra do outro origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande. Recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata. O polemista inescrupuloso e hábil sabe perfeitamente que fundo dialógico convém dar às palavras de seu adversário, citadas com fidelidade, a fim de lhes alterar o significado. (...) A

palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. Por isso, ao estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolúvelmente ao outro. (BAKHTIN, 1999[1929], p.141).

A partir desse enquadramento dialógico do discurso de outro nos enunciados, foi possível analisar certos traços estilístico-composicionais, ou seja, elementos estilísticos que apontam a relação do discurso do autor com o discurso alheio. Entretanto, esses traços que incorporam outras vozes que marcam o discurso de outrem através de formas de enquadramento podem-se destacar o uso de determinados verbos (verbos *dicendi*) ou grupos proposicionais introdutórios do discurso, o recurso das “aspas”, marcadores do discurso (segundo, de acordo, etc.)

a) Verbos introdutórios ou verbos *dicendi*

Indicam a presença de outra voz no discurso, gerando uma orientação apreciativa. O verbo *dizer*, por exemplo, permanece com efeito de neutralidade, causando assim, sentido de objetividade e avaliação, conseqüentemente de introdução ao enunciado citado. Vejamos os exemplos abaixo:

Ex. 11: “Vou voltar a política porque o Brasil precisa continuar crescendo, se desenvolvendo, gerando emprego, distribuição de renda, melhorando a vida de milhões e milhões de brasileiros que chegaram à classe média e não querem voltar mais e aqueles que querem chegar à classe média”_ *diz* o ex-presidente. (NCC#4)

Ex.12: Precisamos aumentar nossa capacidade de detectar demência precoce e fornecer cuidados de saúde e sociais necessários. “Muito pode ser feito”, *disse* o diretor-geral adjunto da área de Doenças Não Transmissíveis e Saúde Mental da OMS, Oleg Chestnov. (NIE#15)

Ex.13: Cotsarelis *disse* que os resultados da pesquisa são "completamente novos" e que a proteína "realmente diminui o crescimento". "Ninguém fazia ideia de que a PGD2 tinha algo a ver com o crescimento do cabelo", completou. (NIE#13)

Ex.14: Queria agradecer a solidariedade das lideranças políticas do Brasil inteiro, sobretudo da minha querida companheira presidenta Dilma Rousseff, que com sua experiência de ter vencido um câncer foi um alento cada vez que conversava comigo e me *dizia* “força presidente o senhor vai vencer”, *diz*. (NCC#4)

b) Aspas

Pelo aspeamento de determinadas palavras ou expressões, o autor isola certos sentidos da palavra, distanciando-se deles (em maior ou menor grau) e atribuindo a outros (uma determinada pessoa, grupo, senso comum) a sua responsabilidade.

Ex.15: “*A maioria das pessoas não tem ideia do que acontece dentro de uma sala de operação*”, contou à ISTOÉ. “*Quis que todos conhecessem de verdade o que ocorre e como me sinto dentro do centro cirúrgico*”. (NIE#4)

Ex.16: Na quinta-feira 29 o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, havia demonstrado preocupação com o que chamou de “*impunidade*” provocado pelo entendimento do tribunal e anunciou a intenção de promover mudanças na redação da lei. (NCC#1)

Ex.17: O governo já não esconde mais sua preocupação com o que considera um “*surto de importações*” e flerta com tentações protecionistas. (NV#6)

Nos exemplos acima, classificados como NIE#4, NCC#1 e NV#6, é perceptível que o autor usa as palavras aspeadas para sinalizar sintaticamente que são palavras mencionadas por outro, isentando-se totalmente de sua autoria, ou seja, ele se neutraliza em relação aos sentidos que as palavras evocam no enunciado, criando uma certa distância valorativa em relação a elas.

Bakhtin (1993[1975], p. 94) em *O discurso no romance*, observa que nem todas as palavras alheias podem ser colocadas entre aspas, bem como as formas dialógicas de transmissão da palavra do outro não se esgotam nas formas linguísticas do discurso relatado direto e indireto. Os meios de “incorporação” são variados. As “aspas” são o recurso de distanciamento e valoração do autor: além de marcar os limites do discurso direto, ele deixa bem claro que aquelas palavras não são dele, eximindo-se, assim, da responsabilidade sobre o que foi dito. Segundo Rodrigues (2001, p. 197-180), além de se distanciar das palavras aspeadas, o autor atribui os sentidos que elas evocam a outros, criando também certa distância apreciativa em relação a elas.

c) Marcadores discursivos

Segundo Acosta-Pereira (2008), os marcadores discursivos são recursos fraseológicos que direcionam as respostas (responsividade) do leitor para uma determinada orientação

valorativa. Geralmente, os marcadores discursivos são expressos por conjunções, adjuntos adverbiais ou verbalizações, pode dar ênfase ou ordem de sequenciação ou cronológica, como por exemplo, (segundo, de acordo). Vejamos nos excertos:

Ex.18: “A Receita aumentou muito a fiscalização em Santos, mas muitos dos agentes que vieram para cá são recém-formados ou com experiência em outras áreas, como em Imposto de Renda ou setor tributário”, *afirma*. “Com isso, a vistoria que um agente experiente gastaria duas horas para fazer se transforma em até dois dias quando se trata de alguém novo na área”, *critica*. (NV#6).

Ex.19: *De acordo* com a Receita Federal, 56 servidores de outras áreas do órgão foram direcionados para trabalhar especialmente no Porto de Santos – o de maior volume de carga no país, com aproximadamente 30% do total movimentado. (NV#6)

Ex.20: *Segundo* Mantega, os empréstimos viabilizados pelo PSI devem trazer efeitos de reativação da economia no curto prazo. (NV#9)

Ex.21: *Segundo* levantamento do Ministério da Saúde, a hipertensão arterial atinge 22,7% da população adulta brasileira. (NIE#11).

Conforme mostramos anteriormente, no entanto, os marcadores discursivos demarcam a voz do outro na notícia, quer dizer, os termos “segundo”, “de acordo”, “afirma” etc. expostos, são utilizados pelos autores para mostrar que a enunciação não pertence a eles, isentando totalmente sua responsabilidade ao que foi dito, como também para demarcar um discurso indireto, ou seja, o autor faz apenas uma reenunciação ao discurso de outrem. Haja vista que, todo discurso manifesta a incorporação do discurso alheio. Como afirma Bakhtin (2008 [1929]), a linguagem é por natureza dialógica, já que nela se cruzam as palavras dos outros. Todo pensamento que se materializa no discurso é resultante de outras falas, outros posicionamentos, não há discurso que seja genuinamente inovador, ele é heterogêneo por natureza. Em outras palavras, um discurso é heterogêneo porque sempre comporta constitutivamente em seu interior outros discursos.

Evocamos ainda Bakhtin (1993[1975]), para lembrar que o discurso alheio é visto pelo falante como a enunciação de uma outra pessoa, que possui uma construção independente e está situada fora do contexto narrativo. Em função dessa existência autônoma é que o discurso do outro passa para o contexto narrativo conservando o seu conteúdo e, ao menos, parte de sua integridade linguística e autonomia estrutural primitiva (BAKHTIN, 1999 [1929], p.144-145).

Em síntese, o que se observa é que as notícias são dialógicas. A partir disso, as diversas vozes enquadradas por meio da reenunciação, se constituem por discurso direto, e por discurso indireto, provocando efeitos de sentido com particularidades discursivizados a partir das vozes do outro que se engendram nas notícias, constituindo-as e servindo como valoração das diversas informações apresentadas. Como também, esse enquadramento gera traços que são consubstanciados sob valores estilísticos composicionais que constituem o discurso de outrem no enunciado.

6 Considerações finais

No presente trabalho buscamos, sob a perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas contemporâneas da Análise Dialógica do Discurso, analisar as marcas enunciativas e os sentidos da reenunciação do discurso de outrem em notícias da *web*, especificamente do jornalismo de revista *online*. As conclusões mostram que esse enquadramento acontece por meio do discurso direto e indireto presentes nas notícias que por sua vez, saturam efeitos de sentidos com a finalidade de justificar, avaliar, validar um determinado ponto de vista, bem como uma forma de legitimar as informações apresentadas nas notícias discursivizadas.

Além disso, podemos perceber que o enquadramento do discurso é materializado pelas projeções estilísticos-composicionais variadas, ou seja, podem-se destacar o uso de determinados verbos (verbos *dicendi*) ou grupos proposicionais introdutórios do discurso, o recurso das “aspas”, marcadores do discurso (segundo, de acordo, etc.), e engendrado a diferentes sentidos dialogicamente constituídos.

Evidenciamos dessa forma que, o discurso não pode ser considerado discurso neutro, ou discurso de ninguém; assim, todo discurso pertence a alguém. É, portanto, constituído e carregado por palavras alheias, pois falamos estando este, sujeito a recriações e reinterpretções anteriores. Isso ocorre devido ao fato de sermos sujeitos situados tanto historicamente como ideologicamente em diferentes contextos sociais.

A pesquisa mostra-se relevante uma vez que revela a partir do corpus utilizado à luz da teoria da Análise Dialógica do Discurso, como este pode se apresentar se apropriado e reapropriado na sua essencialidade dialógica, notadamente no que diz respeito ao contato com o *corpus* virtual, notícias do jornalismo *online* analisado. Entendemos que o presente estudo oportuniza entender como se dá o enquadramento do discurso de outrem nas notícias presentes no ciberespaço.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero jornalístico notícia**: dialogismo e valoração. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1993.

HEINE, Palmira. Considerações sobre o hipertexto e os gêneros virtuais emergentes no seio da tecnologia digital. In: **Revista Inventário**. 4. ed., jul/2005. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04pheine.htm>. Acesso em: 02 de julho de 2012.

LÉVY, Pierre, **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da Linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a.

_____. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004b.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____ & RODRIGUES, R. H. **Perspectivas Atuais sobre Gêneros do Discurso no campo da Linguística.** Revista Letra Magna. UNISC, 2009. Disponível em www.letramagana.com.br

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo.** São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica.

SILVA, N. R. da. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valorização do discurso do outro.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 12º ed. São Paulo: Hucitec, 1999.